

AS MEMÓRIAS DA DITADURA NA NARRATIVA DE AS MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Palavras-Chave: AS MENINAS, LIA DE MELO SCHULTZ , DITADURA

Autores(as):

LAURA SARTORI FERREIRA, IEL - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). JEFFERSON CANO, IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O livro *As meninas* da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles foi pensado desde o ano 1970 e publicado no ano de 1973. Sua trama é centralizada em três estudantes universitárias: Lorena, Lia e Ana Clara. Elas moram no Pensionato Nossa Senhora de Fátima e estão passando por uma greve universitária. A narração é feita a partir do ponto de vista das três jovens, portanto, ora a narradora é Lia, ora Lorena e ora Ana Clara. Isso permite que o leitor conheça e tenha contato com todas elas, adentrando seus pensamentos, emoções e sentimentos. Em suma, Lorena é a personagem que possui melhores condições financeiras, como uma representação da burguesia da época, estuda Direito, é apaixonada por um médico casado anos mais velho, constantemente se lamenta pela perda trágica de um de seus irmãos gêmeos em uma brincadeira em sua infância. O quarto de Lorena é o principal ponto espacial de encontro das três amigas. Ana Clara, por sua vez, era estudante de Psicologia e vem de uma família desestruturada, em que seu pai é desconhecido e a mãe levava para casa diversos parceiros, alguns sendo até abusadores. Ana Turva, como também é chamada, está constantemente sob efeito de substâncias ilícitas, apresentando uma narração conturbada e cheia de pensamentos desordenados. Seu namorado, Max, é traficante, o que facilita seu acesso às drogas. Porém, Ana sempre menciona a existência, questionada pelas amigas, de um noivo rico com o qual ela se casará no ano seguinte. Com isso, alguns de seus pensamentos negativos são rebatidos por ela mesma com a ideia de que logo seu sofrimento acabará, contando com a melhora das condições financeiras pela fortuna do noivo. Por fim, Lia cursa Ciências Sociais, é filha de mãe baiana e pai alemão ex-nazista e é filiada a um grupo político de esquerda. Muito de seu cotidiano é destinado à dedicação ao grupo, distribuindo panfletos, organizando atos, fazendo reuniões e escrevendo os. Seu círculo social é predominantemente de amigos de luta, como seu relacionamento amoroso com Miguel, que é um preso político e, ao final da narrativa, vai se exilar na Argélia.

Devido à data de escrita da obra e à característica de Lygia Fagundes Telles de inserir na sua literatura referências da realidade social e política que a cerca, o livro *As meninas* faz conexões com a

ditadura militar brasileira. Em especial por intermédio da construção da personagem Lia, que será foco deste presente trabalho.

METODOLOGIA:

O projeto desenvolveu pesquisa bibliográfica, por analisar e descrever as atrocidades vividas na ditadura militar inseridas na narrativa de *As Meninas*. Deste modo, primeiramente, o método utilizado partiu da leitura da obra literária *As meninas* e a observação do enredo, tempo, espaço, narradores, linguagem, personagens, foco narrativo, dentre outros e os impactos da publicação da obra. Depois, foram feitas releituras da obra que miraram o foco para o contexto histórico, a ditadura militar, tendo em vista identificar em passagens da obra elementos indicativos da ditadura.

Ademais, foram realizadas leituras sobre a própria ditadura militar, com ênfase no período da década de 70, os Anos de chumbo, quando Lygia produziu seu romance para dar base para a compreensão da relação entre o enredo e a realidade ditatorial. Assim, reflete-se sobre o lugar dessa literatura como lugar de memória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Diversas passagens da vida de Lia remetem à conjuntura da ditadura militar. Isso faz com que o leitor tenha uma noção mais aprofundada da realidade daquela época. Logo de início, a vida amorosa de Lia remete a prisões políticas da ditadura. Seu namorado, Miguel, é um preso político. Com isso, Lia demonstra em suas narrações sofrimento pela distância do rapaz, pela preocupação que algo aconteça com ele e também com o medo de que essas prisões ou outras punições aconteçam com ela e seus amigos devido à repressão política.

Em passagens como “ô, Miguel, ‘segure as pontas’, você disse. É o que procuro fazer. Mas às vezes fico oca, está vendo? Não sei explicar mas é duro demais cumprir a rotina, queria ser presa, ficar no seu lugar, por que não fui presa em seu lugar? Queria morrer” (TELLES, 2009, p.12). e “mas se penso em você fico uma droga, quero chorar. Morrer. E estamos morrendo. Dessa ou de outra maneira não estamos morrendo? Nunca o povo esteve tão longe de nós, não quer nem saber” (TELLES, 2009, p.13) vê-se que Lia demonstra solidão pela ausência de seu namorado, tal como muitas famílias ficaram longe e até perderam familiares para a ditadura militar. Além disso, outra ótica da solidão de Lia pode ser detectada no final do segundo trecho, em que ela relata a distância do povo. Isto é, sua luta política se deparava com a grande maioria das pessoas em condição de descaso com a situação.

Lia, durante a narrativa, tem diálogos com diversos amigos de seu grupo político. Porém, eles optavam por codinomes como estratégia de preservação de suas identidades para a proteção contra o regime. Lia, por exemplo, quando estava em meio aos seus trabalhos do grupo, era chamada de Rosa. Neste trecho, por exemplo, Lia está conversando com um amigo do grupo aqui chamado de Pedro, que utiliza o codinome Rosa para se referir a ela: “— Quando saí ontem do cinema me pediram os documentos. Que medo, Rosa. Você não tem medo? Lia passou a ponta da língua na unha roída.

Demorou para responder.” (TELLES, 1973, p). Aqui ainda é possível identificar traços do temor em ser reconhecido como militante de esquerda, quando Pedro diz que seu documento foi pedido na saída do cinema.

O momento mais emblemático do livro com relação aos registros da ditadura militar é o depoimento de um dos amigos de Lia que foi torturado. Este relato aparece em um diálogo entre Lia e uma das freiras do Pensionato, Madre Alix:

Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, Traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resisti e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. E etecetera, etecetera. (TELLES, 2009, p. 125-126).

Esse depoimento é imprescindível para a discussão da ditadura militar em *As meninas*. Lia diz que o “crime” do amigo que narrou o relato foi distribuir panfletos em uma fábrica. E, por meio desse texto, é possível conhecer camadas mais profundas e ter maior dimensão da crueldade dos abusos sofridos na ditadura. Outro fator intrigante é a permissão de publicação do livro em meio à censura, considerando a crítica e denúncia do regime.

O final da trajetória de Lia é a ida para a Argélia, país onde seu namorado Miguel se exilou. Essa passagem da narrativa demonstra o alívio e surpresa em saber que ela poderá se reencontrar com seu parceiro, ao contrário dos inúmeros exemplos de presos políticos que desapareceram e perderam suas vidas.

— Seu namorado vai embarcar. Argélia. Um dos primeiros da lista, queria estar no lugar dele. A notícia sai amanhã, pode ir arrumando o passaporte. — O Miguel? Na Argélia? Vamos ficar juntos? Demais, Bugre, demais. Não sei explicar mas estou tão atordoada! Vamos ficar juntos, é isso? Tenho que arrumar o dinheiro... Perdão, oriehnid! É cara a passagem? Enfim, não tem importância, falo com minha gente, a gens lorenensis também vai ajudar, é evidente. Argélia? (TELLES, 2009, p. 139-140).

Portanto, mesmo o último dos acontecimentos da personagem remete aos desdobramentos da ditadura militar brasileira.

CONCLUSÕES:

Como conclusão, Lygia Fagundes Telles escreveu um romance durante a ditadura militar que transparecia diretamente seu contexto histórico, preponderantemente por intermédio da personagem Lia de Melo Schultz. Desta forma, a leitura do livro faz com que o leitor adentre nessa conjuntura ditatorial e conheça muito da realidade brasileira da época, podendo até sentir o sofrimento vivido por Lião e seus amigos, devido à descrição profunda feita pela autora dos acontecimentos e das reações diante deles.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Anderson; DE SOUZA, César Martins; ROSA, João Jesus. **Ditadura e cotidiano estudantil em As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. Revista Mosaico-Revista de História, v. 14, n. 2, p. 283-295, 2021.

COSTA, Alexsandro Lino da. **Não identidade em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles**. 2015. Dissertação de Mestrado. Brasil.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **A ditadura brasileira de 1964**. São Paulo: DHNET (2013).

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo; OLIANI, Nara Gonçalves. **O olhar revolucionário em As Meninas**. Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura, p. 251-264, 2013.

KARNIKOWSKI, Ulisses Stefanello; UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer. **Figurações Identitárias de Lia em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles**. Revista Diálogos, v. 11, n. 1, p. 146-159, 2023.

TELLES, L. F. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

UMBACH, Rosani Ketzer; HERMES, Ernani Silverio. **História e figuração das personagens em As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. Alea: Estudos Neolatinos, v. 24, p. 88-104, 2022.